

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

POPULISMO E RELIGIÃO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: UMA ANÁLISE DO DISCURSO RELIGIOSO E POPULISTA DE JAIR BOLSONARO

Edson Lugatti Silva Bissiati

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6751>

Submetido em: 2023-09-05

Postado em: 2023-09-19 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

POPULISMO E RELIGIÃO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: UMA ANÁLISE DO DISCURSO RELIGIOSO E POPULISTA DE JAIR BOLSONARO

AUTOR, Edson Lugatti Silva Bissiat

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4813-7562>.

Edbissitai@outlook.com

IESP-UERJ. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

Resumo: Este estudo investiga o fenômeno do populismo religioso de direita no contexto político-religioso que cercou o governo de Bolsonaro e sua relação com os evangélicos no Brasil. O objetivo é compreender a dinâmica entre o discurso populista adotado por Jair Bolsonaro durante sua presidência e o notável apoio que ele recebeu dos segmentos evangélicos, especialmente os pentecostais e neopentecostais, que desempenham um papel influente na política brasileira nas últimas décadas. A pesquisa fundamenta-se em uma análise abrangente de fontes primárias e secundárias, incluindo discursos, artigos acadêmicos, relatórios de pesquisas eleitorais e documentos governamentais. A abordagem metodológica adotada é qualitativa, visando entender a construção discursiva e simbólica do populismo religioso de direita e seu impacto nas relações políticas entre o governo Bolsonaro e os evangélicos. Nossa conclusão é que o elemento religioso cristão de orientação reacionária e conservadora foi um componente crucial no estilo populista de Bolsonaro durante seu mandato, considerando o peso político-eleitoral desse segmento no cenário político nacional.

Palavras-chave: populismo religioso, direita, evangélicos; bolsonaro, brasil.

POPULISM AND RELIGION IN CONTEMPORARY BRAZIL: AN ANALYSIS OF JAIR BOLSONARO'S RELIGIOUS AND POPULIST DISCOURSE

Abstract: This study investigates the phenomenon of right-wing religious populism in the political-religious context that surrounded Bolsonaro's government and its relationship with evangelicals in Brazil. The aim is to understand the dynamics between the populist discourse adopted by Jair Bolsonaro during his presidency and the remarkable support he received from evangelical segments, especially Pentecostals and Neo-Pentecostals, which have played an influential role in Brazilian politics in recent decades. The research is based on a comprehensive analysis of primary and secondary

sources, including speeches, academic articles, election poll reports and government documents. The methodological approach adopted is qualitative, aiming to understand the discursive and symbolic construction of right-wing religious populism and its impact on political relations between the Bolsonaro government and evangelicals. Our conclusion is that the Christian religious element of reactionary and conservative orientation was a crucial component in Bolsonaro's populist style during his mandate, considering the political-electoral weight of this segment in the national political scenario.

Keywords: religious populism, right, evangelicals; bolsonaro, brazil.

INTRODUÇÃO

A ascensão de líderes populistas de extrema-direita em países como Estados Unidos, França, Hungria, Brasil e Índia estimulou muitos estudos nas Ciências Sociais. Apesar das diferentes perspectivas, essas pesquisas buscam compreender as configurações e as causas do populismo global. A eleição de Donald Trump nos EUA, o fortalecimento de Marine Le Pen na França, a escalada antiliberal de Viktor Orbán na Hungria e a vitória de Jair Bolsonaro no Brasil levaram a análises sobre como constituiu as bases de apoio, as motivações e os potenciais riscos para a democracia-liberal (Tormey, 2019). Tais líderes alegam representar o povo esquecido e usam a ideia de maioria para justificar suas narrativas.

Nesse sentido, vale observar como alguns estudiosos definem o conceito e por consequência o fenômeno. Para Rosanvallon (2020), a concepção populista de democracia, seja de esquerda ou direita, simplifica e ameaça o processo democrático e suas estruturas institucionais que garantem o equilíbrio do poder. Müller (2017) vê o populismo como contrário ao pluralismo democrático, promovendo uma visão moralista e idealizada de um povo supostamente unido. Tormey (2019) o descreve como um estilo político que antagoniza "o povo" com as "elites", incitando crises para desafiar o *establishment* e oferecer soluções redentoras, capitaneado por líderes carismáticos que usam uma linguagem direta e franca para alcançar as massas.

Além dos aspectos definidores do populismo, também são analisadas suas causas no cenário político contemporâneo. Segundo Inglehart e Norris (2019), a expansão do populismo é impulsionada por problemas culturais, como a ênfase na identidade nacional e étnica por setores conservadores em sociedades ocidentais, em reação à globalização e à imigração. Eatwell e Goodwin (2020), por outro lado, apontam quatro principais influências para o avanço do fenômeno: desconfiança no sistema democrático, temores em relação à imigração e perda de identidade nacional, aumento das desigualdades sociais devido à globalização, e enfraquecimento dos vínculos entre eleitores e partidos

tradicionais. Esses fatores contribuem para o surgimento de movimentos populistas e nacionalistas, que questionam as democracias liberais modernas.

Na esteira desses acontecimentos, um outro fenômeno vem ganhando força nas últimas décadas é o avanço do cristianismo conservador na estrutura política de países como o Brasil e os Estados Unidos influenciando decisivamente na plataforma ideológica de líderes como os já citados Trump e Bolsonaro. Os evangélicos majoritariamente, votaram em Trump, fornecendo a ele 81% dos votos desse segmento em 2016, e também foram uma base fiel de apoio durante seu mandato (Souza, 2018). Em 2018 no Brasil, com base em levantamentos do Instituto Datafolha, o segmento evangélico¹ optou em sua maioria por Jair Bolsonaro no pleito eleitoral daquele ano, totalizando cerca de 20,5 milhões de votos válidos, em contraste com Fernando Haddad (PT), que obteve a preferência de 9,5 milhões desses eleitores (Almeida, 2019). Importantes lideranças evangélicas brasileiras, como Silas Malafaia, Edir Macedo e Marco Feliciano (PL), tornaram-se apoiadoras do agora ex-presidente. Diante disso, não podemos desconsiderar a influência deste grupo que vêm se notabilizando por difundir uma linguagem contrária aos preceitos progressistas de organização da vida social.

Bolsonaro capitalizou eleitoralmente dos evangélicos, usando a linguagem "nós" para se conectar ao grupo, retratando os oponentes como "eles", rotulados como "esquerdistas" e "comunistas". Esta aliança se fortaleceu durante seu mandato, incluindo a nomeação de líderes protestantes para altos cargos no governo, aprovação de leis alinhadas a eles e encontros frequentes com a bancada e pastores evangélicos. No entanto, o ponto focal dessa parceria política reside, principalmente, nos discursos e pronunciamentos do ex-mandatário ao longo de sua gestão. Estes discursos estão saturados de referências aos elementos que caracterizam a simbologia cristã conservadora e reacionária², especialmente aquelas associadas ao pentecostalismo. Além disso, são permeados por menções ao "povo de Deus" e ataques direcionados aos opositores políticos.

¹ Os termos "protestante" e "evangélico" são utilizados para se referir à esfera religiosa formada por denominações cristãs originadas da Reforma Protestante do século XVI. Logo, tais terminologias abrangem as denominações protestantes históricas, bem como as pentecostais e neopentecostais, que compõem um quadro religioso complexo, plural e em crescimento (Mariano, 2014).

² Apesar do amplo debate em torno dos usos destes conceitos e a falta de consenso na teoria política, em suma os conservadores enfatizam a tradição e rejeitam a noção progressista de mudança, optando por uma perspectiva gradual de transformação social, enquanto os reacionários buscam transformações radicais para recriar um passado perdido (Lynch, 2018; Mannheim, 1959).

Nesse contexto, a hipótese fundamental deste trabalho é a de que compreender o que o então Presidente denominava de "povo" e a sua estratégia populista requer uma análise da linguagem política que permeia o universo religioso cristão conservador e reacionário, com destaque para o segmento evangélico no contexto nacional. Ao explorar a literatura sobre populismo no Brasil e em outros países, é evidente que a dimensão religiosa não tem sido adequadamente analisada, apesar de sua influência marcante na esfera sociopolítica.

Nossa metodologia busca examinar a interação entre o populismo religioso de direita de Jair Bolsonaro e os evangélicos na política brasileira. Analisamos seus momentos-chave, incluindo nomeações de líderes do segmento em cargos governamentais, decretos e leis favoráveis ao grupo. Sobretudo, investigamos discursos de líderes evangélicos e de Bolsonaro durante seu mandato, coletadas por meio de reportagens da Folha de São Paulo e trabalhamos com pesquisas eleitorais do Instituto Datafolha de 2021 e 2022, que indicaram apoio dos evangélicos a Bolsonaro.

Além desta introdução, o estudo adota uma estrutura composta por duas seções que exploram as questões acima mencionadas, culminando nas conclusões, onde são ressaltados os principais resultados obtidos por meio deste trabalho.

1. OS PRIMEIROS ANOS DE GOVERNO: 2019/2020

A montagem do governo Bolsonaro, teve como caráter a confluência de quatro vetores ideológicos que compõem sua linguagem política: o saudosismo militar – especificamente do período ditatorial (1964-1985), o neoliberalismo – capitaneado na pessoa de Paulo Guedes, o lavajatismo e o moralismo religioso de raízes cristãs (Goldstein 2019; Lynch & Cassimiro, 2021). Figuras inseridas em cada uma dessas correntes, ganharam lugar de destaque no alto escalão do governo. Entretanto, o nosso foco é sua relação com os cristãos evangélicos. Jair Bolsonaro nomeou a pastora Damares Alves (Republicanos) para ocupar o cargo de Ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, posto tido como estratégico pelos protestantes conservadores no que tange ao combate à chamada “ideologia de gênero” e às consideradas “deturpações” feitas pela esquerda na área. Além disso, outros nomes evangélicos também se tornaram ministros do governo³. Dentre eles, o pastor da Igreja Presbiteriana e jurista André Luiz Mendonça viria a ter importante papel nos objetivos da ala política evangélica.

³ Onyx Lorenzoni (PL), membro da Igreja Luterana; Marcelo Álvaro Antônio (PL), membro da Igreja Maranata; General Luiz Eduardo Ramos (sem partido), membro da Igreja Batista.

No âmbito discursivo, logo em seu pronunciamento de posse no Congresso Nacional, podemos observar que Bolsonaro mobilizou uma série de símbolos religiosos que remetem à linguagem cristã. Povoador de referência às raízes nacionais “judaico-cristãs”, na defesa da família, contra ideologias à esquerda e buscando o “retorno” do Brasil a uma nação “respeitada”, ele disse:

Vamos unir o povo, valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores. O Brasil voltará a ser um país livre das amarras ideológicas (...). Minha campanha eleitoral atendeu ao chamado das ruas e forjou o compromisso de colocar o Brasil acima de tudo e Deus acima de todos (Leia..., 2019).

Muito do que foi dito encontra eco em um *modus operandi* político reacionário e conservador de exaltação do povo autenticamente cristão, cultivador da família e das tradições, além de marcar o país como ancorado na precedência da autoridade religiosa (Lynch & Cassimiro, 2021), negando, assim, as múltiplas linguagens religiosas que fizeram e fazem parte da história social brasileira.

Noutro discurso proferido pelo então presidente, em setembro de 2019, na Organização das Nações Unidas (ONU), também é possível identificar os traços religiosos mobilizados.

A ideologia invadiu a própria alma humana para dela expulsar Deus e a dignidade com que ele nos revestiu (...). E, com esses métodos, essa ideologia sempre deixou um rastro de morte, ignorância e miséria por onde passou (...). Sou prova viva disso. Fui covardemente esfaqueado por um militante de esquerda e só sobrevivi por um milagre de Deus. Mais uma vez agradeço a Deus pela minha vida (Veja..., 2019).

A batalha contra a esquerda, junto a um acentuado vitimismo, marcam essa fala do Presidente. Isso nos lembra a perspectiva de Rosanvallon (2020), pois, para os populistas, os adversários políticos não são considerados propriamente adversários, mas unicamente “inimigos”, dos quais o líder é sempre vítima. Nessa fala, a “presença” de Deus na vida das pessoas é também supostamente atacada pela ideologia “esquerdista”, como também, é graças a Ele que Bolsonaro credita sua recuperação do ataque a faca sofrido na cidade de Juiz de Fora (MG) em 2018.

Para além de toda essa narrativa criada por Bolsonaro em torno da noção do “bem” contra o “mal”, com menções ao cristianismo como elemento basilar, a relação dele com o campo evangélico se intensificou ao longo do ano de 2019, tendo sido o primeiro ocupante do Palácio do Planalto a comparecer naquele que é o maior evento evangélico do Brasil, a conhecida Marcha para Jesus⁴, idealizada em 1993 pela igreja Renascer em Cristo. No evento, o então Presidente afirmou que o Brasil “tem um problema seríssimo de moral, ética e economia”. Disse também, em referência a Deus, que “Foi Ele quem nos deu a Presidência” e que governava “um Estado que é laico, mas ele é cristão”.

⁴ O evento tem um grande peso simbólico para os evangélicos e ano após ano vem arregimentando milhares de pessoas em diversas capitais do país, principalmente dos setores pentecostais e pentecostalizados do protestantismo nacional.

Afirmou ainda que os evangélicos “foram decisivos para mudar o país” e que, se era Deus acima de todos, logo depois vinha “a família respeitada e tradicional acima de tudo”. O apóstolo Cezar Augusto, da Igreja Apostólica Fonte da Vida, fez uma oração para o mandatário e disse que, com ele no poder, “as mudanças já começaram” e ainda ressaltou: “Tenho certeza que o senhor vai fazer a marcha por mais oito anos. O senhor é um homem de Deus. Com coragem de declarar Deus acima de todos” (Bolsonaro..., 2019).

Já próximo ao Natal daquele ano, Bolsonaro fez um pronunciamento em um encontro com lideranças evangélicas, onde disse:

Pelas mãos de vocês, hoje sou o chefe do Executivo e é motivo de honra e de orgulho e de satisfação vê-los publicamente aceitando Jesus nesta casa (...). Nesta casa que estava carente da sua [de Deus] palavra (...). O Brasil mudou, o governo mudou (Bolsonaro..., 2019).

Tanto na Marcha para Jesus, como nesse encontro, o mandatário se refere aos evangélicos como protagonistas de sua vitória e da “mudança” que o país precisava, alegando que faltava no Palácio do Planalto a presença de Deus, de modo que o espaço público nacional, na perspectiva dele e dessas lideranças religiosas, tem, por excelência, de conter a linguagem religiosa judaico-cristã por eles professada.

No entanto, o ano de 2019 não foi produtivo para essa relação político-religiosa somente na esfera discursiva e na ocupação de espaços dentro da burocracia governamental. Bolsonaro sancionou leis e decretos alinhados aos valores do segmento. O Decreto nº 9.883/2019 alterou a composição do Conselho Nacional de Combate à Discriminação, excluindo representantes LGBTQIA+, demarcando uma das características regressivas do governo no que se refere às políticas para minorias sociais. A Lei Complementar nº 170/2019 concedeu isenção fiscal de mais de 15 anos a templos religiosos, atendendo a uma demanda da ala pentecostal. A Lei nº 13.964/2019, Pacote Anticrime, com mudanças penais, foi celebrada pela base evangélica como combate à impunidade. Para os evangélicos, essas ações não só representaram avanços morais, mas também estiveram em sintonia com o discurso de segurança pública e contra políticas progressistas de direitos humanos (Quadros & Madeira, 2018).

O ano de 2020 também foi marcado por consideráveis acenos políticos entre Bolsonaro e o campo evangélico. A busca por ocupar cargas no governo para deter políticas progressistas continuou sendo uma estratégia central. Além disso, a pandemia de Covid-19 e seus impactos proporcionaram uma convergência de discursos e ações políticas entre eles, deixando marcas na história dessa relação e na imagem global do seu governo. No contexto das nomeações, em janeiro de 2020, o professor

Benedito Guimarães Aguiar Neto foi nomeado para presidir a CAPES⁵. Sua indicação foi celebrada pela ala evangélica do governo, devido à sua defesa do criacionismo⁶. No entanto, essa teoria não é respaldada pela comunidade científica e seu ensino é considerado retrocesso educacional. Em julho do mesmo ano, o pastor Milton Ribeiro assumiu o Ministério da Educação, sucedendo Carlos Alberto Decotelli. Sua nomeação, influenciada pela Frente Parlamentar Evangélica, fortaleceu a presença do cristianismo ideológico contra a alegada "doutrinação" de esquerda no ministério.

Contudo, o ápice nesse ano de todo esse nexos entre Jair Bolsonaro e as lideranças evangélicas, foram os acontecimentos políticos, epidêmicos e sociais decorrentes da pandemia de Coronavírus que acometeu o Brasil e o mundo. Diante do alto grau de proliferação do vírus e das mortes causadas pela Covid-19, ainda em março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS), já recomendava e afirmava que o isolamento social era a medida mais eficaz e necessária no combate à pandemia. Porém, o governo de Bolsonaro, contando com o apoio das lideranças religiosas e de sua base parlamentar, se amparou no discurso religioso e economicista para sabotar essas medidas de contenção do patógeno. Passou a afirmar que sua oposição ao *lockdown* e na defesa do retorno imediato das atividades econômicas eram para salvar a economia e o trabalho das pessoas, além de garantir o livre exercício da crença, desconsiderando o fato de que as aglomerações são um dos principais vetores de circulação do vírus.

Bolsonaro junto com parlamentares evangélicos, passaram a atuar politicamente para garantir o funcionamento das igrejas durante o período pandêmico. Trabalharam contra a implementação do Projeto de Lei (PL) nº 1.179/2020 (Brasil, 2020), que, entre outras medidas, impediria a abertura dos templos religiosos até a data de 30 de outubro de 2020. Mas foi mesmo na emissão do Decreto nº 10.282/2020 (Brasil, 2020), que, em linhas gerais, permitiu a classificação das atividades religiosas como essenciais nesse período, que o mandatário selou sua intenção de brandir contra as recomendações das autoridades sanitárias e seguir dando afagos ao referido campo religioso. No dia 26 de março, a FPE fez uma publicação em sua página oficial no Facebook, em que se comemorava a criação do decreto que liberava o funcionamento das igrejas (Frente Parlamentar Evangélica, 2020). O decreto, foi tido como símbolo da luta pela liberdade religiosa no meio evangélico e causou diferentes posicionamentos em estados e municípios, que possuem autonomia para legislar sobre

⁵ Em abril de 2021 Benedito foi exonerado do comando da CAPES.

⁶ O criacionismo, em um sentido mais amplo, é a crença de que o homem, a vida em geral, o planeta Terra e o universo foram criados por um ente sobrenatural. No caso dos cristãos, o criador de tudo é Deus.

medidas de enfrentamento ao Coronavírus, conforme decisão do Supremo Tribunal Federal (STF, 2020). No Rio de Janeiro, por exemplo, o então prefeito e pastor, Marcelo Crivella (Republicanos), anunciou que os templos religiosos poderiam seguir abertos no município com o uso obrigatório de máscaras e desde que fosse mantida a distância mínima de dois metros entre os fiéis, além de outras medidas recomendadas pelo Ministério da Saúde.

Além dessas articulações, próximo ao período da Páscoa, foi divulgado um vídeo no YouTube da Igreja Batista Getsêmani, com o título “Clamor e jejum pelo Brasil – convocação do presidente Jair Messias Bolsonaro”, objetivando convocar a população para o #JejumPeloBrasil, marcado para 05 de abril de 2020 (Getsêmani, 2020). O vídeo demonstra uma linha de lideranças do setor, como Edir Macedo, Silas Malafaia, André Valadão, dentre outros que apoiaram o apelo econômico no discurso de Bolsonaro para a quarentena vertical⁷ diante da emergência sanitária (Py; Shiota; Possmozer, 2020).

Vale destacar o pastor Silas Malafaia como uma das principais figuras que apoiaram as políticas de saúde do presidente. Sua proximidade com Bolsonaro é notória, já que o então presidente frequentou sua igreja e até celebrou nela seu casamento com Michelle em 2013. Malafaia também foi um dos primeiros a visitar Bolsonaro no hospital após o atentado à faca durante as eleições de 2018 e o recebeu para uma oração de celebração após a vitória eleitoral (Py; Shiota; Possmozer, 2020). Durante a pandemia, o pastor ampliou seu apoio, especialmente por meio de vídeos no YouTube. Em um desses vídeos, intitulado "Concordo com Bolsonaro! O que é pior: Coronavírus ou caos social?" Gravado em 25 de março de 2020, ele defendeu vigorosamente a quarentena vertical. Sua argumentação se baseou em estatísticas pouco rigorosas, mencionando o baixo número de mortes em pessoas com menos de 50 anos na Itália até aquele momento, enfatizando que o referido país tem uma população idosa significativa e por isso os casos de morte estavam altos por lá (Malafaia, 2020; Py; Shiota; Possmozer, 2020).

Não restam dúvidas que as principais lideranças do campo evangélico se destacaram por defender uma abordagem pouco ortodoxa de Bolsonaro para lidar com a propagação do vírus. Fundamentadas em uma visão regressiva e fantasiosa, essas lideranças construíram narrativas que identificaram supostos "inimigos". Na educação era à “esquerda doutrinadora”, por isso a necessidade de religiosos no MEC; já no âmbito sanitário, foram diversos “inimigos”, mas, em especial a OMS, os

⁷ Esse tipo de quarentena, que é amplamente criticada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), presume que somente os grupos vulneráveis fiquem em isolamento, sendo permitida a circulação de pessoas saudáveis mesmo durante os picos de contaminação do vírus.

comunistas chineses, o STF e os governadores que, hipoteticamente, queriam “impedir” o povo de trabalhar e inibir a liberdade religiosa no país.

2. OS ANOS FINAIS DE GOVERNO: 2021/2022

O terceiro ano de governo não foi diferente dos anteriores na esfera da religião, sendo recheado de acenos discursivos e políticos ao segmento evangélico. Nomes conhecidos do campo pentecostal buscaram expressar ainda mais a sua força junto a Bolsonaro, dessa vez, apoiando fortemente a indicação de um evangélico para o STF. Era objetivo, tanto do presidente como das alas mais ideológicas do governo povoar os mais variados espaços do estado brasileiro com nomes “conservadores”. Desse modo, o nome de André Mendonça, então ministro da Advocacia Geral da União (AGU), ganhou destaque como o possível indicado. Pastores como Silas Malafaia, Estevam Hernandes e César Augusto, que estiveram ao lado do presidente Bolsonaro em um evento com conotações golpistas no dia 7 de setembro, se uniram para apoiar essa indicação. Eles afirmaram que não considerariam outro candidato além de Mendonça, citando seu alinhamento com o governo. Nesse período, Bolsonaro buscou reiterar sua intenção de nomear alguém do segmento para a Suprema Corte. “Se sair o André, no meu compromisso que fiz junto aos evangélicos, será outro evangélico. Eu acho que o André vai dar certo” e seguiu dizendo “o melhor nome dentro daquele compromisso que eu fiz de indicar o terrivelmente evangélico” (Bolsonaro..., 2021).

Em um outro encontro com evangélicos, Bolsonaro disse, ao se referir a André Mendonça, que “Ele não quer nem eu que quero perseguir ninguém dentro do Supremo Tribunal Federal. Não queremos perseguir ninguém. Queremos é levar paz lá para dentro, o equilíbrio que essas pautas sobre conservadorismo que estão o tempo todo dentro daquela Casa” (Bolsonaro..., 2021). A indicação foi aprovada pelo Senado, e posteriormente ele tomou posse como ministro no STF. Tanto na aprovação quanto na posse, o pastor e agora ministro, esteve presente em celebrações e orações junto a diversas lideranças evangélicas e ao presidente Bolsonaro.

No âmbito dos discursos, Bolsonaro repetiu a abordagem já adotada em 2019, mantendo-a em 2021 durante sua fala na Assembleia Geral das Nações Unidas. Nela, recorreu a clichês conhecidos relacionados à suposta ameaça do socialismo e à revitalização do país com base nos princípios conservadores e reacionários da família. Ele declarou: "O Brasil tem um presidente que acredita em Deus, respeita a Constituição, valoriza a família e é leal ao seu povo. Isso é de grande importância, é uma base sólida, considerando especialmente que estávamos à beira do socialismo" (Bolsonaro..., 2021). Nessa mesma direção, em um dos muitos encontros com evangélicos, se referindo às mudanças

e conquistas ideológicas no campo da educação de seu governo, Bolsonaro disse: “Olha, aquele partido [PT] que esteve com o MEC entregue por 12 anos a uma pessoa [Fernando Haddad], que ficou para trás de mim no segundo turno. E hoje nós temos um pastor no MEC” (Bolsonaro..., 2021). Isso demonstrou a obsessão do mandatário pela pauta moral e ideológica.

Todos os diversos acenos políticos do governo permaneceram surtindo efeito no contingente evangélico brasileiro. Em um levantamento feito no segundo semestre de 2021, o Datafolha captou que Bolsonaro seguiu sendo a preferência da maioria dos eleitores evangélicos em detrimento de outros futuros candidatos, especialmente Lula (Datafolha..., 2021). Além disso, o terceiro ano de governo esboçou a continuidade da potente sinergia política entre os principais líderes do universo evangélico e o mandato de Jair Bolsonaro.

O último ano de mandato e derradeiro ano eleitoral, foram intensificados ainda mais pelos encontros, pronunciamentos e visitas de Bolsonaro ao campo evangélico. Seus discursos seguiram permeados de alusões a Deus, família, fé e o “nós” contra “eles”, remetendo a esquerda ao espectro nocivo da política. Antes considerado novidade, Bolsonaro passou a ser presença certa nos principais eventos do segmento protestante. Na Marcha para Jesus realizada em São Paulo em meados de 2022, o ainda presidente foi recebido por pastores e discursou para milhares de pessoas ali presentes. Seguindo a mesma linha de outros pronunciamentos, ele disse:

O Brasil é uma referência para o globo todo (...). Nós, juntos, com fé, atingiremos os nossos objetivos. É uma missão que eu tenho e só Deus me tira daquela cadeira (...). A nossa fé é inabalável (...). Não há diferença entre nós. O nosso currículo no dia do ponto [sic] final será aquilo que fizemos nessa breve passagem pelo planeta Terra (Bolsonaro..., 2022).

Num claro afronte aos seus adversários políticos e às instituições da República, Bolsonaro coloca Deus como o único capaz de retirá-lo da presidência, além de falar em “nossa fé”, para se inserir como parte do público evangélico, discursivamente identificado por ele como “nós”.

A mobilização de toda uma narrativa moralizante que, como sabido, é amplamente bem aceita pelo segmento, também se repete em seu discurso no evento.

Nós temos uma posição. Somos contra o aborto, contra a ideologia de gênero, contra a liberação das drogas, somos defensores da família brasileira (...). Temos um outro problema, este espiritual que o Brasil não está ausente, que é a luta do bem contra o mal (...). Defendo a família e a liberdade como bem maior, a incluir a liberdade religiosa (Bolsonaro..., 2022).

A alusão à guerra do bem contra o mal, marca do populismo reacionário (Lynch & Cassimiro, 2021) passa a ser uma tônica ainda mais efusiva na performance discursiva desses atores, numa clara ofensiva política que visava ampliar o apoio da população evangélica à candidatura presidencial de Bolsonaro,

de modo que a agenda do mandatário esboçou uma verdadeira peregrinação político-religiosa pelo Brasil em busca do voto cristão.

Em evento da Igreja Assembleia de Deus em Juiz de Fora (MG), Bolsonaro falou da responsabilidade política e religiosa que tinham os evangélicos, sobretudo em apoiá-lo, pois, “Muitas vezes você pode fazer alguma coisa e lava as mãos. Está na Bíblia o que aconteceu com Jesus”, e fez a seguinte comparação: “Por vezes, no Brasil, nós passamos por momentos em que as mãos de todos nós decidem o futuro de uma pátria, se vocês querem que esse povo continue livre ou não” (Bolsonaro..., 2022). Frequentemente evocando uma noção de “liberdade” em seus discursos, especialmente para o público cristão, promovendo, assim, uma espécie de pânico moral no imaginário dessas pessoas, afirmando que a preservação dos valores tradicionais religiosos estaria ameaçada por forças como a "ideologia de gênero", atribuída às lideranças de esquerda.

Essa maratona político-eleitoral de Bolsonaro também contou com diversas reuniões junto de pastores no Palácio do Planalto para reforçarem o mútuo apoio. Em um desses encontros, ele disse: “Mas, como eu acredito em Deus, se fosse para estar do outro lado, nós não seríamos escolhidos. Eu falo ‘nós’ porque a responsabilidade é de todos nós. Eu dirijo a nação para o lado que os senhores assim o desejarem” (Bolsonaro..., 2022). Tais afirmações, refletem o peso político que o evangelicalismo teve para Bolsonaro, além de demonstrar uma negação da pluralidade religiosa inerente à sociedade brasileira, haja visto, o manifesto de sua intenção em direcionar o país para onde um determinado grupo religioso deseja.

Na continuidade desse encontro, o mandatário fez alusão à indicação de Mendonça para o STF, “Hoje nós temos alguém dentro do STF que tem Deus no coração”. Posteriormente, falando do pastor Milton Ribeiro na chefia MEC⁸, afirmou aos presentes, “Quem esperava um dia no Ministério da Educação termos um pastor evangélico, como o Milton, aqui do nosso lado?” (Bolsonaro..., 2022). Como já dito, tanto o STF como o MEC eram considerados por eles espaços estratégicos de luta contra a esquerda. Dentre o vasto repertório bélico de palavras mobilizadas tanto por Bolsonaro como por parte das lideranças evangélicas que o apoiam, a noção de guerra foi fortemente difundida. O pastor neopentecostal Agenor Duque, faz a seguinte afirmação, “Estamos travando uma guerra tão grande como

⁸ Milton foi posteriormente exonerado do cargo, tendo sido acusado de favorecer pastores na distribuição de verbas do FNDE.

esta que está acontecendo agora” e ainda disse “Não é simplesmente a esquerda contara a direita, é o céu contra o inferno. Não vamos negociar nossa fé, aquilo que cremos” (Bolsonaro..., 2022).

Outros pastores também fizeram pronunciamentos. Silas Malafaia falou que “O que está em jogo neste país não é paixão política. O que está em jogo é nossa nação. Querem entregar o Brasil para a China”, retomando o “perigo” do comunismo e creditando a Bolsonaro o único nome capaz de evitar isso. Já o Bispo JB Carvalho, da igreja Comunidade das Nações, disse “acabei de chegar dos Estados Unidos e meus amigos americanos perguntam se Donald Trump era a resposta à oração deles. Agora eles sabem que Trump é a resposta à oração deles. Eu espero que, antes que seja tarde, nós saibamos que Jair Bolsonaro é a resposta às orações da igreja (Bolsonaro..., 2022). Ao comparar Bolsonaro a Trump, o pastor equipara ambas as figuras como verdadeiros paladinos políticos da direita no continente, além de pretensos “messias” – no sentido bíblico do termo – do campo evangélico. Isso nos remete ao que Finchelstein (2020) chama de uma *teologia política*, praticada por líderes e movimentos caracterizados como populistas ao longo da história, mas, principalmente, na vida política contemporânea.

Além disso, o então mandatário iniciou sua pré-campanha e posteriormente a campanha eleitoral visando a reeleição, adotando lemas e investindo na simbologia bíblica. Em um evento do Partido Liberal ocorrido no período anterior ao início oficial da campanha, repetiu por algumas vezes em sua fala, a frase “Nada temeis, nem mesmo a morte, a não ser a morte eterna”, e se orgulhou em dizer que era referência a uma passagem bíblica, sendo confirmada pelo pastor e deputado Marco Feliciano: “Creio que o presidente cita Mateus 10:28, bem como Lucas 12:4-5” (Bolsonaro..., 2022).

Em uma entrevista concedida à TV Aratu, afiliada do SBT na Bahia, o então presidente buscou atrelar Lula à defesa do aborto, tema caro ao campo religioso cristão:

Vamos supor que o Lula não consiga aprovar o aborto dentro do Parlamento. Acho difícil. Ele vai aprovar onde? Dentro do Supremo Tribunal Federal. Então, hoje, tem cinco ou seis ministros do Supremo que já são favoráveis ao aborto. Se o Lula voltar, bota mais dois [ministros] em 2023. Está na cara que vai botar abortista lá também (Bolsonaro..., 2022).

Ao acusar seu principal oponente de ser um defensor do aborto – embora Lula negue tal afirmação, Bolsonaro o coloca como o extremo oposto da visão de mundo de parcela significativa da população cristã no Brasil, como também se utiliza de uma tática política amplamente praticada pela extrema-direita mundo a fora, que é a manipulação e o falseamento de informações para alcançar algum fim político (Da Empoli, 2019).

Os pronunciamentos de Bolsonaro permaneceram tomados por menções a toda parafernália simbólica desse segmento religioso. Em discurso proferido na Convenção das Assembleias de Deus do

Ministério Madureira, em Goiânia/GO, o candidato creditou a fé em Deus como um dos caminhos para superar o aumento do preço de diversos produtos no Brasil, principalmente o do combustível, dizendo que “Temos dificuldades sim, mas qual é a solução para a isso? É ter fé, é ter coragem, é acreditar. Por muitas vezes, dobrar os joelhos, e pedir uma alternativa. Nós sabemos que temos que fazer a nossa parte, mas deixar as coisas impossíveis nas mãos de Deus” (Bolsonaro..., 2022).

Todo esse investimento foi surtindo efeito eleitoral. Levantamentos feitos no primeiro turno pelo Instituto Datafolha captaram a liderança de Bolsonaro sobre os outros candidatos na preferência do eleitorado evangélico (Datafolha..., 2022). É possível inferir que isso foi reflexo de toda mobilização ideológica e discursiva feita por ele na vigência de seu mandato, somado também ao amplo apoio dado pelas principais figuras e lideranças do evangelicalismo hegemonicamente inseridas em vertentes pentecostais.

Além disso, tanto no primeiro como no segundo turno, Bolsonaro, ciente de sua baixa capilaridade política no eleitorado feminino, ampliou o protagonismo de sua esposa Michelle Bolsonaro nesse período, inclusive, sendo ela muito conhecida no meio evangélico. A entrada de Michelle na campanha esboçou sobretudo a intenção de dar ênfase ao tema da família tradicional e da “valorização” da mulher cristã. Entretanto, a linguagem usada por ela, seguiu a mesma linha da de seu marido. Evocando a habitual dicotomia populista do bem contra o mal, além de mobilizar símbolos religiosos, Michelle viajou o Brasil participando de atos de campanha e eventos religiosos em que proferiu diversos discursos. Em um culto evangélico na cidade de Belo Horizonte, ela afirmou, em referência ao pleito eleitoral, que:

É uma briga, uma guerra do bem contra o mal. Mas eu creio que nós vamos vencer, porque Jesus já venceu na cruz do calvário. Eu vou continuar louvando nosso Deus. Vou continuar orando [...], porque por muitos anos, por muito tempo, aquele lugar foi consagrado a demônios, cozinha consagrada a demônios, Planalto consagrado a demônios. E, hoje, consagrado ao Senhor Jesus (Michelle..., 2022).

O tom dos pronunciamentos de sua esposa, foi coberto de visões reacionárias e antipluralistas. A afirmação feita consistindo em atribuir aos adversários na cena política o rótulo de “demônios” e inimigos não só de seu grupo político, mas dos cristãos evangélicos num geral, e atrelando o planalto a figura do Deus cristão, seguiu a toada da linguagem política bolsonarista.

Assim como em levantamentos feitos no primeiro turno eleitoral, no segundo turno as pesquisas do Datafolha também demonstraram a vantagem de Jair Bolsonaro sobre Lula no público evangélico. Na pesquisa realizada entre os dias 25 e 27 de outubro de 2022, Bolsonaro tinha 62% das intenções de voto entre os protestantes e o petista 32% (Datafolha..., 2022), apontando o resultado positivo eleitoralmente

das investidas feitas por Bolsonaro sob esse grupo⁹. Esses dados esboçaram também o fato de que a ala mais hegemônica do campo evangélico se tornou sob seus mais variados aspectos (pastores, fiéis, parlamentares) uma das – se não a – principal base social do dito “bolsonarismo” na configuração atual da política brasileira¹⁰.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, procuramos apontar a maneira como se configurou um dos principais vetores da narrativa política populista e regressiva de Bolsonaro durante seu mandato, que foi a de pretensamente se apresentar como líder político do povo cristão conservador nacional. Dessa forma, demonstramos como, desde o início do governo, seus discursos e gestos políticos tinham o campo evangélico como um dos principais alvos. Destaca-se três aspectos que não apenas evidenciaram a forte conexão política do então presidente com esse grupo e vice-versa, mas também moldaram parte significativa da sua atuação à frente do governo. O ainda chefe do executivo promulgou decretos e leis alinhados aos interesses políticos evangélicos, dismantelandos políticas de proteção a população LGBTQIA+, emitindo decretos contrários a recomendações de órgãos sanitários sobre a pandemia de Covid-19 e concedendo benefícios fiscais às igrejas. Fez nomeações de figuras evangélicas para importantes cargos, com destaque para Damare Alves no Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, Milton Ribeiro no MEC e a indicação de André Mendonça para o STF, que lideraram essa enfatizada luta pelos ideais da moral cristã brasileira dentro da esfera estatal. E, especialmente, vimos nos pronunciamentos de Bolsonaro e líderes evangélicos carregados de simbolismo religioso, a ênfase na luta pela herança judaico-cristã e pela família tradicional brasileira contra uma suposta ameaça esquerdista. Acerca das eleições de 2022, Bolsonaro embora tenha sido derrotado por Lula, obteve ampla preferência desse segmento nas urnas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ronaldo. Bolsonaro Presidente, conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos estud. Cebrap**. São Paulo. V38, n.01,185-213. Jan.–Abr. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/rTCrZ3gHfM5FjHmzd48MLYN/abstract/?lang=pt>. Acessado em: 24 de jan. 2021.

⁹ A pesquisa mostrou também o fato de que Lula tinha maior intenção de votos entre os católicos, contando com a preferência de 55% das intenções de voto e Bolsonaro com 39% no segmento (Folha de São Paulo, 2020).

BOLSONARO é ovacionado em marcha para Jesus e fala em problemas de ética, moral e economia. **Folha de São Paulo**, Brasil, 20 de junho de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/06/bolsonaro-e-ovacionado-em-marcha-para-jesus-e-fala-em-problemas-de-etica-moral-e-economia.shtml>. Acessado em: 20 de jun. 2021.

BOLSONARO e a nova questão religiosa. **Folha de São Paulo**, Brasil, 26 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/viniustorres/2019/12/bolsonaro-e-a-nova-questao-religiosa.shtml>. Acessado em: 11 de jun. 2020.

BOLSONARO diz que indica outro evangélico se Senado recusar André Mendonça ao STF. **Folha de São Paulo**, Brasil, 27 de setembro de 2021. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/bolsonaro-diz-que-indicara-outro-evangelico-se-senado-recusar-andre-mendonca-ao-stf.shtml?pwgt=kikafyqnn1gx7o88gdbb7gc10akncklr3h88v615zwbb4poi&utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwagift. Acessado em: 25 de set. 2022.

BOLSONARO diz a evangélicos que Mendonça levará paz e equilíbrio ao STF. **Folha de São Paulo**, Brasil, 26 de outubro de 2021. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/10/bolsonaro-diz-a-evangelicos-que-mendonca-levara-paz-e-equilibrio-ao-stf.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwagift. Acessado em: 02 de nov. 2022.

BOLSONARO pinta na ONU retrato distorcido do Brasil para base radical. **Folha de São Paulo**, Brasil, 21 de setembro de 2021. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/09/bolsonaro-pinta-na-onu-retrato-distorcido-do-brasil-em-discurso-para-base-radical.shtml?pwgt=kikafyukl68aocuy20rceawso1yadukmf5q4aisaa684onpe&utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwagift. Acessado em: 25 de jan. 2022.

BOLSONARO diz que chora sozinho no banheiro de casa e que Michelle nunca viu. **Folha de São Paulo**, Brasil, 14 de outubro de 2021. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/10/bolsonaro-diz-que-chora-sozinho-no-banheiro-de-casa-e-que-michelle-nunca-viu.shtml?utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwagift. Acessado em: 25 de fev. 2022.

BOLSONARO diz durante evento evangélico, que Brasil enfrenta problema espiritual. **Folha de São Paulo**, Brasil, 11 de junho de 2022. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/06/bolsonaro-diz-durante-evento-evangelico-que-brasil-enfrenta-problema-espiritual.shtml?pwgt=kikafyoppboirahp7k74kqfllpz7x936sextvrs9tpin0i&utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwagift. Acessado em: 12 de jun. 2022.

BOLSONARO transforma voto evangélico em batalha pela alma do eleitor. **Folha de São Paulo**, Brasil, 16 de julho de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/bruno-boghossian/2022/07/bolsonaro-transforma-voto-evangelico-em-batalha-pela-alma-do->

[eleitor.shtml?pwgt=kikafz0dgg9p2e7o0pf26m9mscu76os6j72zfv7hh4zwnia&utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwagift](#). Acessado em: 17 de jul. 2022.

BOLSONARO diz a evangélicos que dirige a nação para onde eles quiserem. **Folha de São Paulo**, Brasil, 08 de março de 2022. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/03/dirijo-a-nacao-para-o-lado-que-os-senhores-desejarem-diz-bolsonaro-a-pastores-evangelicos.shtml?pwgt=kikafyp6m5enbi55zieaysvfk6d570lbebo4av0m2ddipiw&utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwagift. Acessado em: 09 de mar. 2022.

BOLSONARO discursa em clima de comício e diz que eleição é luta do 'bem contra o mal'. **Folha de São Paulo**, 22 de março de 2022. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/03/bolsonaro-diz-que-eleicao-e-luta-do-bem-contra-o-mal-em-discurso-com-clima-de-comicio.shtml?pwgt=kikafyornmvhmu41ifnngwukyq1g6gnfvzbp2qezb3f3knb6&utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwagift. Acessado em: 23 de mar. 2022.

BOLSONARO adota novo lema religioso de olho em eleitor cristão. **Folha de São Paulo**, Brasil, 13 de abril de 2022. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/04/bolsonaro-adota-novo-lema-religioso-de-olho-em-eleitor-cristao.shtml?pwgt=kikafyveg3bonu0jvi112gv6o2ssm4jboq1rnc4d6om4rf9e&utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwagift. Acessado em: 14 de abr. 2022.

BRASIL. **Lei complementar nº 170, de 19 de dezembro de 2019**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/Lcp170.htm. Acessado em: 16 de jun. 2020.

BRASIL. **Lei nº 13.964, de 24 de dezembro de 2019**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2019/lei/L13964.htm. Acessado em: 16 de jun. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 9.883, de 27 de junho de 2019**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2019/Decreto/D9883.htm. Acessado em: 16 de jun. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 10.282, de 20 de março de 2020. Regulamenta a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, para definir os serviços públicos e as atividades essenciais**. Brasília: Planalto, 20 mar. 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2020/decreto/D10282.htm. Acesso em: 2 jun. 2022.

DA EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2019.

DATAFOLHA: Lula amplia vantagem entre católicos e Bolsonaro segue líder entre evangélicos. Folha de São Paulo, 30 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/09/datafolha-lula-amplia-vantagem-entre-catolicos-e-bolsonaro-segue-lider-entre-evangelicos.shtml>. Acessado em: 05 de dez. 2022.

DATAFOLHA: evangélicos não trocam Bolsonaro por Lula, apesar de aborrecimentos com o governo. Folha de São Paulo, Brasil, 17 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/datafolha-evangelicos-nao-trocam-bolsonaro-por-lula-apesar-de-aborrecidos-com-governo.shtml>. Acessado em: 25 de nov. 2022.

EATWELL, Roger & GOODWIN, Matthew. **Nacional-populismo: a revolta contra a democracia liberal**/Roger Eatwell, Matthew Goodwin; tradução de Alessandra Bonrruquer.-1ªed.- Rio de Janeiro: Record, 2020.

FINCHELSTEIN, Federico. **Do fascismo ao populismo na história**. Tradução Jaime Araújo, São Paulo, Almedina, 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO. Cai vantagem de Bolsonaro entre os evangélicos, Lula perde folego entre os de maior renda. **Folha de São Paulo**, Brasil, 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/10/datafolha-cai-vantagem-de-bolsonaro-entre-evangelicos-lula-perde-folego-entre-os-de-maior-renda.shtml>. Acessado em: 12 de dez. 2022.

FRENTE PARLAMENTAR EVANGÉLICA. Restrição aos cultos até 30 de outubro é derrubada após articulação da Frente. **Facebook**. 02 abr. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/fparlamentarevangelica>. Acesso em: 15 maio 2020.

GETSEMANI, Igreja Batista. **Clamor e jejum pelo Brasil: 05 abril – convocação do presidente Jair Messias Bolsonaro**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MV7vR1ZX19Q>. Acessado em: 06 mai. 2022.

GOLDSTEIN, A. **Bolsonaro. La democracia de Brasil en peligro**. Buenos Aires: Marea Editorial, 2019.

LEIA a integra do discurso de Bolsonaro na cerimônia de posse no congresso. **Folha de São Paulo, Brasil**, 01 de janeiro de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-cerimonia-de-posse-no-congresso.shtml>. Acessado em: 11 de jun. 2021.

INGLEHART, R. & NORRIS, Pippa. **Cultural Backlash: Trump, Brexit and Authoritarian Populism**. Nova York: Cambridge University Press, 2019.

LYNCH, Christian Edward Cyril. A utopia reacionária do governo Bolsonaro (2018-2020)”. **Insight Inteligência**, n.º89, s. f., <https://insightinteligencia.com.br/a-utopia-reacionaria-do-governo-bolsonaro-2018-2020/>. Acessado em: 12 de ago. 2022.

LYNCH, Christian Edward Cyril; CASSIMIRO, Paulo Henrique. O populismo reacionário no poder: uma radiografia ideológica da presidência Bolsonaro (2018– 2021). **AISTHESIS** N° 70: 223–249 • ISSN 0718–7181. Instituto de Estética – Pontifícia Universidade Católica de Chile, 2021. Disponível

em: https://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-71812021000200223. Acesso em: 21 de set. 2022.

MALAFAIA, Silas. Concordo com Bolsonaro! O que é pior: coronavírus ou caos social? **Youtube**, 25 mar. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ljX3MTNEZE0>. Acesso em: 20 de mai. 2022.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MANNHEIM, Karl. **Conservative Thought**. In: *Essays on Sociology and Social Psychology*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1959.

MICHELLE comanda culto ao lado de Bolsonaro e diz que Planalto era ‘consagrado de demônios’. **Folha de São Paulo**, Brasil, 07 de agosto de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/michelle-comanda-culto-ao-lado-de-bolsonaro-em-bh-na-busca-por-eleitoras.shtml>. Acessado em: 08 de ago. 2022.

MÜLLER, Jan-Werner. **What is populism?** Londres, Penguin. 2017.

PY, Fábio; SHIOTA, Ricardo, POSSMOZER, Michelli. Evangélicos e governo bolsonaro: aliança nos tempos de covid-19. **Confluências**, ISSN: 1678-7145, E-ISSN: 2318-4558, Niterói/RJ V. 22, n.2 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/confluencias/article/view/43024>. Acessado em: 23 de dez. 2022.

QUADROS, Marcos Paulo dos Reis, MADEIRA, Rafael Machado. Fim da direita envergonhada? Atuação da bancada evangélica e da bancada da bala e os caminhos da representação do conservadorismo no Brasil. **Opinião Pública**, Campinas, vol. 24, n° 3, set-dez. p. 486-522, 2018. Disponível em <https://www.scielo.br/j/op/a/fb7t4KkpVsJfvHwgLn3wxS/?format=pdf&lang=pt>. Acessado em: 01 de jun. 2021.

SOUZA, Marco Aurelio Dias. A eleição de Donald Trump e a reconfiguração da direita religiosa estadunidense, 2018. **Donald J. Trump e a Ascensão Populista: embates ideológicos nos EUA e seus desdobramentos e impactos na conjuntura política internacional**. ISSN 2596-108X. Disponível em: https://ieei.unesp.br/index.php/IEEI_MundoDesenvolvimento/search. Acessado em: 19 de set. 2022.

STF reconhece competência concorrente de estados: Distrito Federal, municípios e União no combate à Covid-19. Brasília, 15 abr. 2020. Disponível em: <http://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=441447&ori=1>. Acesso em: 1 jun. 2022.

TORMEY, Simon. **Populismo: uma breve introdução**; tradução Mário Molina. São Paulo: Cultrix, 2019.

Veja a íntegra do discurso de Bolsonaro na ONU com checagens e contextualizações. **Folha de São Paulo**, Brasil, 25 de setembro de 2019. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/09/veja-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-onu-com-checagens-e-contextualizacoes.shtml>. Acessado em: 11 de jun. 2020.

FINANCIAMENTO: O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

CONTRIBUIÇÃO DO AUTOR: Edson Lugatti Silva Bissiati: Conceituação, Metodologia, Curadoria de dados, Redação, Visualização, Investigação, Supervisão, Validação, Revisão e Edição.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE: O autor Edson Lugatti Silva Bissiati declara não haver conflitos de interesse.

Mestre em Ciências Sociais (UFJF). Doutorando em Ciência Política no Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ). Desenvolve pesquisa na área de ciência política, com ênfase nos estudos acerca da relação entre populismo e reacionarismo religioso no Brasil.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.